

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE - SC

CORRÊA, Marcela Krüger

marcelakc_mar@yahoo.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche

afeche@uol.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

RESUMO

A partir da década de 1990, importantes mudanças foram implementadas na política econômica brasileira, provocando impactos sobre os setores industriais e intensificando pressões por reestruturações. No município de Brusque-SC, localizado no Vale do Itajaí, as empresas de confecção passaram por um processo rápido de reestruturação, visando manter seu potencial de competitividade no mercado nacional. Esta pesquisa objetivou analisar o processo de reestruturação da indústria do vestuário no município de Brusque. Os procedimentos metodológicos pautaram-se em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Como resultados observou-se que o processo de reestruturação desta indústria foi caracterizado por mudanças organizacionais, gerenciais e produtivas. É relevante salientar que muitas empresas não sobreviveram, pois não conseguiram se adequar às novas imposições do mercado. O pólo vestuarista transferiu seu endereço e o capital se concentrou nas mãos dos proprietários dos centros comerciais. Este processo apresentou significativos efeitos nocivos. Estabeleceu uma relação hierárquica entre empresas, subordinando os pequenos aos grandes capitais, através da generalização dos processos de terceirização. Promoveu, a partir de processos de concentração econômica, a falência de inúmeras micro e pequenas empresas.

PALAVRAS-CHAVE: Indústria; Reestruturação; Vestuário.

RESUMÉ

À partir de la décennie de 1990, des changements importants sont allés implantés dans la politique économique brésilienne, en provoquant des impacts sur les secteurs industriels et en augmentant les pressions par des restructurations. Dans la ville Brusque-SC, qui est localisée à la Vallée d' Itajaí, les interprises de vêtement sont pasées par un rapide procès de restructuration en cherchant maintenir son potentiel de compétitivité dans le marché national. Cette recherche a pour but analyser le procès de restructuration dans l' industrie de vêtement à Brusque. Les résultats metodologiques se sont appuyés sur la recherche bibliografique et la recherche de champ. Dans les resultats, nous avons observé que le procès de restructuration de cette industrie a été caracterisé par des changements de gestion, organisationnels et productifs. Il est important

remarquer que beaucoup d'industries n'ont pas survécues, car elles n'ont pas obtenu la capacité de s'adapter aux nouvelles impositions du marché. Le pôle du vêtement a changé son adresse et le capital a été concentré sur les mains des propriétaires des centres commerciaux. Ce procès a présenté des effets nocifs significatifs. Il a établi une relation hiérarchique parmi des entreprises, en subornant des petits aux grands capitaux à travers de la généralisation des procès de tercerisation. Il a promu, à partir des procès de concentration économique, la faillite de petites entreprises.

MOTS-CLES: Industrie; Restructuration; Vêtement.

INTRODUÇÃO

Importantes mudanças na economia brasileira foram implementadas a partir da década de 1990, entre as quais destaca-se a abertura comercial, as elevadas taxas de juros, a valorização e troca da moeda nacional. Tais mudanças provocaram impactos sobre diversos setores da economia e intensificaram as pressões por reestruturações industriais, alcançando também a indústria do vestuário.

Neste processo, as relações de trabalho se transformaram, o modelo de produção pós-fordista¹ que privilegia a produtividade ancorada na flexibilidade², passou a produzir impactos negativos, sendo expressos em fatores como baixos salários, intensificação da jornada de trabalho, exclusão social e emprego informal, situação comum em diversas atividades econômicas.

As empresas registraram queda nas vendas, reduziram postos de trabalho, e uma parcela significativa fechou as portas. As que permitiram altos investimentos puderam se reestruturar e se adaptar mais rapidamente às imposições do mercado, contudo, as empresas dependentes do mercado interno e descapitalizadas, como as do ramo vestuarista em sua maior parte, foram as mais prejudicadas pelas mudanças políticas, econômicas e sociais.

Estes elementos em conjunto vêm indicando mudanças na divisão internacional do trabalho, requerendo o desenvolvimento de novos padrões de concorrência, através da reestruturação das empresas. Neste trabalho, denominar-se-á reestruturação produtiva, o amplo conjunto de inovações organizacionais, gerenciais, tecnológicas e produtivas. Inclui-se aí, desverticalização, descentralização, tercerização, e mudanças na gestão empresarial.

É importante ressaltar que o vestuário — produto final da indústria de confecção — é responsável por importantes pólos econômicos no mundo, com destaque para a Itália e a China, e no Brasil com destaque para o estado de Santa Catarina, na região onde está

inserido o município de Brusque. A indústria de confecção é capaz de gerar muitos empregos diretos e indiretos e no Brasil, a estrutura desta indústria é bastante semelhante aos demais países.

Também inserido nesta conjuntura, está o município de Brusque, localizado no Vale do Itajaí. Considerado o “Berço da Fiação Catarinense”, Brusque também passou a ser chamado de “Capital da Pronta-entrega” no início dos anos 1990, devido ao intenso fluxo de turismo de compras no pólo do vestuário formado no final da década de 1980. Visando manter seu potencial competitivo no mercado nacional, essas empresas de confecção tiveram que passar por um rápido processo de reestruturação, devido à crise provocada pelo Plano Real e pela abertura da economia aos produtos importados.

A indústria do vestuário é a ponta da cadeia produtiva da indústria têxtil, na qual o produto de cada etapa do processo produtivo constitui o principal insumo da etapa subsequente. A montagem de uma micro e/ou pequena empresa de confecção não encontra grandes obstáculos quanto à tecnologia, escala de produção, mão-de-obra e volume de recursos necessários. Isto quer dizer que não há barreiras técnicas significativas à entrada de novas micro e pequenas empresas neste setor.

O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO – CASO ESPECÍFICO DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO

Para entender o processo de reestruturação em curso na indústria do vestuário no Brasil, bem como em outros setores, torna-se importante fazer uma breve incursão no início da década de 1990, quando políticas de inspiração neoliberal foram adotadas no país. Entre tais políticas, destaca-se a indiscriminada abertura do mercado interno, a substituição da produção nacional por produtos importados, a implementação de um programa de estabilização da economia — inflação baixa e monetarismo exacerbado —, e a elevação dos juros. Isso trouxe sérios problemas à indústria brasileira, como fechamento de linhas de produção inteiras, desemprego, ocorreu um processo de desindustrialização (TAVARES, 1999), provocando impactos em diversos setores da economia, incluindo-se aí a indústria de confecção.

Em decorrência disso, uma intensa crise assombrou o país, e marcou “(...) o ponto de inflexão, pelo abandono de um projeto de desenvolvimento nacional e a deliberada opção estatal pela inserção submissa aos interesses do capital financeiro internacional” (PIMENTA, 2002, p. 01).

Numa conjuntura econômica de incertezas e riscos, as empresas se viram forçadas a realizar transformações na gestão, na organização, nos processos produtivos e nas formas de distribuição/comercialização, com o objetivo de modificar as bases estruturais de sua competitividade e ganhar espaço na economia globalizada. Um novo sistema de organização da produção passou a ser adotado como uma resposta imediata às variações da demanda, e que exige, portanto, uma organização flexível e integrada do trabalho, o que implicou a reestruturação de diversas atividades, principalmente aquelas ligadas à indústria.

Para Harvey (1993), este novo meio de acumulação se apóia na flexibilidade dos processos produtivos, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo, está ligado a mudanças rápidas dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas. Privilegia-se o novo, o efêmero, a moda, o fugaz e assim, confronta-se diretamente com a rigidez do fordismo. Apesar da produção flexível estar em ascensão, isto não significa, segundo Pinheiro (1993), que o paradigma fordista chegou ao fim, este que ainda é dominante em diversos setores industriais.

Para Santos (2001), a concorrência entre as empresas passou a ser cada vez mais acirrada e a natureza desta concorrência também se alterou. Muitas empresas deixaram de se ancorar em vantagens comparativas como preços baixos, para privilegiar as vantagens assentadas em fatores como: fornecimento de produtos ou serviços com valor agregado, produção e venda de artigos com uma boa relação preço/qualidade.

De acordo com Castro (2001), a reestruturação pretendida pelas empresas no início da década de 1990, incluíram não somente o redimensionamento de quadros, o fechamento de instalações e o enxugamento do catálogo de vendas, mas também, a adoção de novas práticas gerenciais. Experiências com “células de produção”, soluções como o Kanban com o objetivo de “puxar” a produção conforme a demanda; busca de certificação nas normas ISO; e investimentos em treinamento de pessoal passaram a ser adotados. O autor também constatou, notável preocupação com a redução de custos, bem como o fato de que o meio de modernização escolhido por grande parte das empresas foi a adoção de procedimentos gerenciais, ao invés de aquisição de máquinas e equipamentos.

A indústria de confecção, assim como toda a indústria de transformação também buscou garantir sua manutenção nesta nova conjuntura, cujos determinantes tradicionais de competitividade mudaram significativamente. A reestruturação, segundo Pinheiro (1993), foi direcionada para alguns pontos críticos, existentes nos produtos e seus mercados, nos processos de produção e nos mercados de trabalho. As indústrias

passaram a adotar estratégias como a flexibilidade no trabalho, oferta de coleções maiores, redução do tamanho das séries. Esse caminho resultou na colocação de quatro ou cinco coleções por ano no mercado, e na diminuição do tempo de execução das mesmas, para garantir o pronto atendimento (SCHEFFER apud PINHEIRO, 1993).

Entre as estratégias encontradas pelas empresas confeccionistas, na busca da competitividade, destacam-se: o uso da marca; melhoria nos sistemas de logística e distribuição; produtos com valor agregado; criação de vantagens competitivas voltadas para o tripé redução dos custos; aumento da produtividade e melhoria da qualidade. Tais vantagens devem também se sustentar no fortalecimento de fatores como moda, estilo e marketing por parte do produto.

Outra estratégia de grande relevância adotada pelas empresas de confecção foi desverticalizar a produção, terceirizando etapas da produção e serviços intensivos em mão-de-obra e/ou que exijam tecnologia específica com alto valor de investimento. Tal decisão foi empreendida com o fim de reduzir custos e agilizar a produção, o que resultou na descentralização espacial e produtiva das empresas. É importante dizer, que não existe um modelo padrão de reestruturação.

Conforme Mello (2000), os movimentos de reestruturação pulverizam-se amplamente, articulando transformações organizacionais, gerenciais e tecnológicas. Entretanto, esta pulverização provoca efeitos negativos comuns tais como: baixos salários, aumento do desemprego e da informalidade e aumento da carga horária de trabalho para grande parte dos trabalhadores.

Portanto, para Gottdiener (1990), a produção em pequenos lotes, a flexibilidade, as subcontratações, a automação da produção seriada, entre outras, representam mudanças decorrentes de processos de reestruturação com implicações sócio-espaciais. Pinheiro (1993), diz que além de novas tecnologias, os grupos de trabalho organizados dentro das fábricas, a subcontratação de tarefas junto a outras fábricas também constituem alternativas para a reestruturação produtiva. Com relação aos mercados de trabalho, não ocorreu propriamente uma reestruturação, mas sim um aprofundamento das feições desta indústria, tais como o recurso à mão-de-obra feminina e ao trabalho doméstico.

Para Ram, apud Pinheiro (1993), a reestruturação na indústria do vestuário se caracterizou principalmente por uma maior segmentação dos mercados, maior diferenciação dos produtos (especialmente no que se refere à quantidade e à qualidade), e em alguns segmentos a ênfase foi desviada dos preços baixos para o design, estilo e

qualidade das peças. A reestruturação dos processos de produção voltou-se mais para a busca de flexibilidade (uso crescente de subcontratação e trabalho doméstico), do que para as inovações tecnológicas.

ESTUDO DE CASO NO VALE DO ITAJAÍ/ SC: A INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO NO MUNICÍPIO DE BRUSQUE – SC

A partir do século XIX, ao mesmo tempo em que começava a desabrochar a indústria nacional, o estado de Santa Catarina tornou-se palco de um lento e constante processo de desenvolvimento da indústria regional. Segundo Mamigonian (1965), o processo heterogêneo de povoamento, tanto no tempo como em termos étnicos, levou à formação de regiões economicamente diferenciadas; o que justifica o fato de o setor industrial não estar concentrado na capital do estado, mas sim distribuído em várias regiões.

O estado catarinense destaca-se no país como um dos principais produtores no setor têxtil-vestuarista, tanto em termos de produção como de geração de empregos. Em Santa Catarina abriga-se uma série de pólos vestuaristas caracterizados pelo predomínio de micro e pequenas empresas, que estão distribuídas geograficamente em algumas áreas de maior aglomeração urbana. Isto se deve a forma singular com que ocorreu a industrialização no território catarinense.

Inserido numa das regiões têxteis mais antiga e mais importante do Brasil, o município de Brusque, localizado no Vale do Itajaí Mirim, abriga empresas têxteis que tiveram sua gênese no final do século XIX e início do século XX, como é o caso da Fábrica de Tecidos Renaux (1892), Buettner (1898) e Schlösser (1911). Tais empresas desempenharam importantíssimo papel no desenvolvimento econômico urbano e regional e ao longo destes anos despertaram reconhecimento de seus produtos tanto no país, como no exterior.

Em termos de organização regional, Brusque está inserido na mesoregião do Vale do Itajaí, e pertence a microrregião de Blumenau. Faz parte da Associação dos Municípios do Médio Vale do Rio Itajaí (AMMVI), constituída por quatorze municípios: Apiúna, Ascurra, Benedito Novo, Blumenau, Botuverá, Brusque, Doutor Pedrinho, Gaspar, Guabiruba, Indaial, Pomerode, Rio dos Cedros, Rodeio e Timbó.

A AMMVI é composta pelos municípios da microrregião mais antiga e mais expressiva do setor têxtil de Santa Catarina. Esses municípios tiveram sua formação

ligada a indústria têxtil, desde o final do século XIX, como é o próprio caso de Brusque e Blumenau, por exemplo. O município de Brusque ocupa a posição de segundo maior pólo microrregional, ficando atrás apenas de Blumenau.

Por quase um século, o setor têxtil foi praticamente a única base econômica do município de Brusque. Mas apesar da tradição nesta atividade, foi somente em meados da década de 1980, que os produtos do vestuário ganharam destaque e permitiram a criação de um concentrado roteiro de compras, tornando Brusque uma cidade relativamente conhecida no Sul do Brasil. A Rua Azambuja, localizada no bairro de mesmo nome, tornou-se efetivamente, o endereço onde se formou na cidade, um pólo do vestuário de pronta-entrega.

No início da década de 1990, Brusque passou a ser chamada “Capital da Pronta-Entrega” (Jornal O Município, 22/07/1994), devido ao grande crescimento do número de firmas de confecções, formando uma forte concentração de empresas na Rua Azambuja. Este é apenas um dos indicativos da importância que tal gênero assumiu, tanto pelo número de empresas, quanto pelo número de empregos gerados, pela participação na arrecadação municipal e pelo movimento no comércio local, dentre outros. Com o desenvolvimento da indústria de confecção, o município de Brusque que possuía sua economia assentada no setor têxtil, passou a receber também, incremento no setor comercial — comércio de pronta-entrega. Portanto, o desenvolvimento da indústria e do comércio confeccionista representa uma nova etapa do desenvolvimento do município de Brusque.

Estritamente residencial até o final da década de 1970, a Rua Azambuja tornou-se o principal ponto de referência comercial da cidade em menos de uma década. Aos poucos, as casas foram cedendo espaço a lojas e centros comerciais. Algumas casas resistiram às mudanças impostas pela força da atividade comercial e permaneceram com sua antiga função residencial. Porém, a maior parte das habitações adaptou-se à nova realidade, abrindo lojas em garagens, salas de jantar ou até mesmo transformando a casa numa pequena fábrica de confecção. A valorização imobiliária da Rua Azambuja foi extremamente intensificada³, o preço do metro quadrado dos imóveis localizados nessa rua, naquele período, praticamente dobrou (Gazeta Mercantil, s.d.).

Assim, a Rua Azambuja passou a desempenhar duas funções, ou seja, a função comercial, devido ao surgimento de inúmeras lojas e vários centros comerciais, vendendo artigos do vestuário, e a função industrial porque a maior parte das fábricas estava instalada nas próprias casas junto das lojas.

Até meados da década de 1990, não havia grande preocupação com o que se produzia e nem com a qualidade, sem falar de questões como moda, estilo e design. Segundo uma funcionária antiga de uma confecção⁴, na época se vendia tudo, produtos bons e ruins, com ou sem qualidade. O que estava nas prateleiras da loja era vendido, chegava a dar briga entre as clientes. Os preços dos produtos comercializados eram relativamente baixos, os consumidores estavam ávidos por consumo, e não havia mercadorias suficientes.

O auge da Rua Azambuja foi em 1994, quando concentrou cerca de 22 centros comerciais e aproximadamente 1.500 lojas de pronta-entrega. Sem dúvida, afirma-se que esta rua mudou o perfil econômico de Brusque. Entretanto, a partir da implantação do Plano Real e da abertura do mercado, em meados desse mesmo ano, produtos importados invadiram o comércio brasileiro e nele o município de Brusque, provocando uma crise econômica e social sem precedentes.

Com a conjuntura favorável aos produtos importados, especialmente daqueles provenientes dos países asiáticos como China e Coréia, onde o custo da mão-de-obra era mais baixo, a economia de Brusque, assentada especialmente no setor têxtil e confeccionista, sofreu duras conseqüências. Dentre os problemas mais evidentes registrou-se o fechamento de centenas de lojas instaladas na Rua Azambuja e a retração da indústria do vestuário (PLANO DIRETOR, 1997).

Com o fechamento de inúmeras empresas de confecções, a atividade comercial na Rua Azambuja entrou em declínio acentuado. Entretanto, neste mesmo período, a partir de investimentos de grandes capitais objetivando fazer da Rodovia Antônio Heil o novo endereço do pólo vestuarista. Este local já era considerado um prolongamento da Rua Azambuja, concentrando várias lojas e centros comerciais. Parte dos empresários que estavam instalados na Rua Azambuja pôde se transferir para este novo endereço, enquanto os pequenos comerciantes e fabricantes tiveram que permanecer na Rua Azambuja e em pouco tempo, a maioria não teve outra sorte senão encerrar as atividades.

Os centros comerciais instalados na Rodovia Antônio Heil, ao contrário daqueles localizados na Rua Azambuja possuíam estacionamentos, banheiros, praça de alimentação, sala para guias, enfim, uma estrutura adequada para quem fosse passar o dia fazendo compras. Também é relevante destacar que a Rua Azambuja pouco evoluiu em sua estrutura urbana, desde o início da década de 1970 quando começaram a se instalar as primeiras confecções. O crescimento desordenado do comércio, onde

qualquer espaço foi ocupado por uma loja ou centro comercial, causou a maioria dos problemas que se pôde perceber ao longo da Rua.

Portanto, além da nova realidade política, econômica e financeira do país é primordial destacar alguns itens que também foram responsáveis pelo declínio comercial da Rua Azambuja. Dentre eles, estão o crescimento desordenado do sistema de pronta entrega; as vendas não diferenciadas para atacado e varejo; falta de controle e de cadastro de guias e clientes pelos centros comerciais; a falta de inovação e investimentos no setor da pronta entrega; falta de iniciativa do poder público na direção e coordenação de um sistema de publicidade global sobre Brusque, um elevado número de cheques sem fundos emitidos por uma parte dos clientes para pagamento das compras; o não pagamento de comissões aos guias; a baixa qualidade das confecções, a desunião dos empresários e comerciante locais, briga pelos mesmos compradores, ao invés de investimentos para a atração de novos clientes; e o surgimento de um novo pólo na Rodovia Antônio Heil⁵.

Na Rua Azambuja boa parte dos centros comerciais se transformou em hotéis, prédios residenciais, apartamentos conjugados, tornando a sua imagem muito diferente daquela existente no período de prosperidade das indústrias de confecções na localidade. A rua “fantasma” (como costuma ser chamada), é considerada hoje, um fragmento da malha urbana de Brusque, que por sua vez, praticamente se excluiu ou foi excluída da vida econômico-funcional da cidade.

É possível, que a transferência do Pólo do vestuário de pronta entrega, da Rua Azambuja para a Rodovia Antônio Heil também tenha sido impulsionada pela força dos grandes capitais locais. Os centros comerciais venderam os pontos de lojas a preços bem elevados, e o capital de giro que os pequenos comerciantes possuíam para investir nas mercadorias passou para os proprietários dos centros comerciais, fazendo com que o capital comercial absorvesse parte considerável dos pequenos comerciantes e pequenos fabricantes.

Neste período, o cliente varejista (e não mais os sacoleiros) passou a ser o novo filão do mercado confeccionista de Brusque, como esclarece o Jornal Indústria e Comércio na edição de 05/04/1996. É a partir de então que os comerciantes instalados nos centros comerciais são levados a se preocupar com a qualidade dos produtos, repensar modismos e avaliar preços calculando de forma adequada seus custos, para poderem permanecer e se tornar competitivos nesta nova conjuntura.

O desenvolvimento da Rodovia Heil transformou mais uma vez o espaço urbano em Brusque, gerando uma nova lógica de localização ao longo da Rodovia. Às suas margens se instalaram vários centros comerciais com estruturas adequadas aos seus clientes, como o centro comercial STOP SHOP, BRUEM e FIP, a loja de importados Havan e inúmeras lojas de pronta-entrega de pequeno porte, entre outros estabelecimentos comerciais. Agora, as fábricas estão localizadas em outros endereços, alterando a lógica de produção e de distribuição das empresas de confecções. Desse modo, portanto, a indústria de confecção criou um novo dinamismo local e regional.

A Rodovia Antônio Heil consolidou-se como o novo endereço do pólo de confecção do Município de Brusque. Por um lado, os centros comerciais desempenham papel importante na economia do município gerando empregos e impulsionando o comércio e a indústria do vestuário, uma vez que facilita o acesso das micro e pequenas empresas a uma parcela importante dos consumidores que preferem fazer compras nos centros comerciais. Estes empreendimentos oferecem conforto em suas instalações, como ambientes agradáveis (climatizados e com som ambiente), praça de alimentação, banheiros, sala para guias e estacionamento, ganhando assim, a preferência dos clientes. Por outro, os centros comerciais selecionam aquelas empresas que desejam, cobram aluguéis extremamente altos, fazendo com muitas empresas tenham que optar por uma localização fora dos centros comerciais, onde os aluguéis possuem menor valor, ou mesmo porque não querem seguir as regras impostas pelos proprietários dos centros comerciais.

Nesta trajetória, os consumidores se tornaram mais exigentes com relação a qualidade, durabilidade dos produtos e atualização dos modelos conforme a moda. Foi necessário a partir daí, criar necessidades para o cliente, fazer com que ele decida comprar, despertar seus desejos. Desde então, para sobreviver à nova conjuntura econômica a indústria de Brusque foi forçada a se reestruturar, visando sua manutenção na economia local que se encontra profundamente influenciada por fatores externos.

Nesse sentido, Pimenta (2002), enfatiza que este processo de reestruturação, operado no setor têxtil/vestuarista brasileiro não leva em conta a qualificação da mão-de-obra de sucessivas gerações, a história da conformação econômica regional, e a consolidação do meio técnico, causando a desconstrução de processos construídos por mais de um século. Isto se aplica indubitavelmente a Brusque, uma vez que a história deste município se confunde com a história da indústria têxtil. Além disso, esta atividade foi a responsável pelo desenvolvimento local e regional, permanecendo como base econômica do município durante décadas. Tanto o conhecimento gerencial e

administrativo quanto o saber-fazer transmitiram-se através de gerações, transformando o lugar em meio-técnico-científico, capaz de promover sucessivos processos de acumulação.

O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO

A indústria do vestuário no município de Brusque passou por importantes transformações na década de 1990, visando sua manutenção no mercado cada vez mais seletivo e objetivando dar respostas rápidas às novas imposições desse mercado. Esta reestruturação introduziu inovações no processo produtivo, na gestão organizacional e na gestão do trabalho nas empresas de confecções. Houve introdução de tecnologias de organização, programas de qualidade total, além de relativa renovação do maquinário. O processo de reestruturação faz parte da dinâmica capitalista de estar sempre se atualizando, se aperfeiçoando, evoluindo.

Algumas empresas adotaram planos de qualidade e produtividade, objetivando reduzir custos. As margens de lucro foram reduzidas, e no que concerne à gestão empresarial, em alguns poucos casos, a gestão fundada na tradição familiar foi substituída por dirigentes profissionais⁶.

Outra mudança importante ocorrida nessa indústria, na década de 1990, diz respeito ao número de coleções por ano que passou a ser maior, ultrapassando o número de uma coleção por estação, assim também como o número de modelos por coleção. A concorrência deixou de ser única e exclusivamente via custos, sendo a competitividade estabelecida a partir de fatores como qualidade e valor agregado dos produtos e flexibilidade na produção⁷.

Objetivando diferenciar-se da concorrência, as empresas tendem a aumentar a diversificação dos seus produtos, o que coloca cada vez mais em cheque, a produção em grande escala de produtos estandardizados, optando-se pela produção de produtos personalizados/individualizados que atendam a crescente diversidade das necessidades e gostos dos consumidores (MELLO, 2000).

A indústria do vestuário em Brusque tem o mercado interno como o principal consumidor, o que representa um grande obstáculo para essa indústria, haja vista a instabilidade da demanda, diante das oscilações econômicas. Com relação às exportações, pode-se dizer que ainda são muito baixas. Entre os fatores desta causa, destaca-se a defasagem tecnológica, a falta de conhecimento do mercado externo e a

dependência dos centros “formadores de moda”, em especial Paris e Milão. Isto quer dizer que Brusque assim como o estado de Santa Catarina, não gera moda, mas sim, copia a moda de outros centros.

Uma outra saída para os empresários locais foi substituir o maquinário antigo e obsoleto por máquinas novas, automatizadas, que produzem mais, em menos tempo, com maior qualidade e com menor necessidade de mão-de-obra (PLANO DIRETOR, 1997). Pelo setor confeccionista ser considerado maduro em relação à tecnologia que utiliza, justifica-se o fato de que a reestruturação não esteve ligada a grandes mudanças tecnológicas, mas principalmente, relacionada a mudanças organizacionais, produtivas, gerenciais, com destaque para o processo de terceirização.

A automação tecnológica de determinadas etapas da produção industrial aliada à redução da demanda dos produtos gerou um dos efeitos mais perversos da globalização, destacando a redução significativa do nível de emprego, fenômeno comum, principalmente nas grandes indústrias. Em contrapartida, estrategicamente, as empresas passaram a terceirizar serviços considerados não essenciais ou intensivos em mão-de-obra.

Em busca de competitividade, outra estratégia adotada por um grande número de indústrias, foi desverticalizar a produção, utilizando a terceirização ou subcontratação⁸ de serviços para reduzir custos e agilizar a produção, o que resultou na descentralização espacial e produtiva das empresas. Com a descentralização, outras áreas geográficas, muitas vezes sem tradição industrial, porém, com mão-de-obra abundante e barata, começam a ser exploradas, como foi o caso de Criciúma, e com menos intensidade Florianópolis, por exemplo.

A eliminação ou a redução de determinados setores na fábrica dispensa trabalhadores permanentes e provoca uma demanda por prestadores de serviços tais como facção⁹ domiciliar ou industrial, estamparias, bordados, lavanderias entre outros, originando novas relações de trabalho e redefinindo a sua localização espacial. A indústria de confecção tem sido considerada um exemplo empírico de atividade produtiva na qual as formas “secundárias” de produção, principalmente a subcontratação e o trabalho a domicílio (com conseqüente dispersão da produção), possuem grande importância (PINHEIRO, 1993).

De acordo com Bastos (1993), a subcontratação no Brasil vem sendo confundida com a informalização. Vale notar que a subcontratação tornou-se o meio de contornar obrigações tributárias e trabalhistas, o objetivo principal — ganho de produtividade — é

substituído pelo objetivo de redução de custos, possibilitado pela diminuição de encargos sociais.

Portanto, é primordial destacar a generalização do processo de terceirização, principalmente na etapa da costura, que é intensiva em mão-de-obra. Isso está intimamente ligado à busca, por parte das empresas, por redução de custos.

Assim, o processo de terceirização forma um circuito predatório. De um lado, estão os sindicatos que perdem o contato com o trabalhador no momento em que este é demitido. Se for recontratado por uma empresa terceira, não será mais registrado na sua carteira de trabalho, perdendo o vínculo empregatício e o direito ao gozo de férias, FGTS, décimo terceiro salário, etc. Caso trabalhe por conta própria torna-se vulnerável à demanda da empresa e às oscilações do mercado. De outro lado, encontra-se o Estado, que arrecadará menos impostos e contribuições da empresa principal.

No caso do município de Brusque, a reestruturação gerou muitos efeitos nocivos para a mão-de-obra como redução de salários, aumento da jornada de trabalho e do número de trabalhadores informais. O mesmo pode-se dizer para os pequenos capitais, que não puderam fazer os investimentos necessários ou não conseguiram se adequar às novas exigências do mercado, tendo que fechar as portas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 1990 ocorreram importantes mudanças na economia brasileira. Tais mudanças tiveram repercussões em diversas atividades econômicas, com conseqüências nocivas principalmente para as indústrias, entre elas as do vestuário.

A indústria do vestuário no Vale-do-Itajaí, em particular, no município de Brusque, também foi envolvida por esse processo. As empresas tiveram que se reestruturar rapidamente para atender às demandas e às imposições do mercado, mas a maioria não possuía capital disponível e grande parte dela encerrou suas atividades.

Observou-se que o processo de reestruturação na indústria do vestuário foi caracterizado mais por mudanças organizacionais, gerenciais e produtivas do que por implantação de novas tecnologias. As empresas adotaram novas práticas gerenciais, redimensionaram quadros, melhoraram os sistemas de logística, investiram para produzir com maior qualidade, passaram a agregar valor aos produtos e valorizar a marca, assim como também aumentaram a produtividade e reduziram custos.

Caracterizado inicialmente por pequenos produtores, o pólo confeccionista do município de Brusque transferiu seu endereço — da Rua Azambuja para a Rodovia Antônio Heil — e o capital se concentrou nas mãos dos proprietários dos centros comerciais, que não somente cobram aluguéis elevados como também selecionam as empresas que pretendem alugar uma loja.

Pode-se dizer que se estabeleceu uma relação hierárquica entre empresas, subordinando os pequenos capitais aos capitais maiores através da generalização do recurso da terceirização implicando concentração econômica e falência de pequenas empresas.

Notas:

1. “O sistema pós-fordista de produção caracteriza-se sobretudo, pela sua flexibilidade. As bases da concorrência deslocaram-se dos preços para a diferenciação do produto e para a ocupação temporária de “nichos” lucrativos, diferenciados do mercado” (BODDY, 1990:46).
2. A flexibilidade na produção refere-se à A “formas de produção caracterizadas por uma habilidade bem desenvolvida de pronto deslocamento de uma configuração de processo e/ou produto para outra (...) e de ajuste de quantidades de produção para cima ou para baixo num curto período sem qualquer efeito deletério nos níveis de eficiência” (STORPER, 1990: 133).
3. Entrevista realizada em julho de 2004, com os empresários locais Madalena Roux e Nilo Schulemburg.
4. Entrevista realizada em julho de 2004, com uma funcionária da Confecções Roux.
5. Resultado de entrevistas realizadas em julho de 2004 com os empresários locais Magdalena Roux e Nilo Schulemburg.
6. Com base nas entrevistas realizadas com empresários locais, em julho de 2004. Das seis empresas analisadas, apenas uma é administrada por um dirigente profissional.
7. Idem anterior.
8. Para Holmes apud Pinheiro (1993), a subcontratação se refere a uma situação, na qual uma certa empresa (contratante), demanda à uma outra empresa independente (contratada), serviços de acordo com as especificações fornecidas pela primeira.
9. Confecção especializada numa etapa específica da fabricação de roupas.

REFERÊNCIAS

BASTOS, C. P. M. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**: competitividade da indústria de vestuário. Nota técnica setorial do complexo têxtil. Campinas: IE/UFRJ – FDC – FUNCEX, 1993.

CASTRO, A. B. de. A reestruturação industrial brasileira nos anos 90 – uma interpretação. In: **Revista de Economia Política**, v. 21, n. 3 (83), p. 3-25, Jul/Set., 2001.

Gazeta Mercantil, s.d.

GOTTDIENER, M. A teoria da crise e a reestruturação sócio-espacial: o caso dos Estados Unidos. In: VALLADARES, Lícia do Prado; PRETECEILLE, Edmond (Cord.). **Reestruturação urbana**: tendências e desafios. São Paulo: Nobel [Rio de Janeiro: IUPERJ], 1990. p. 59-78

GOULARTI FILHO, A.; JENOVEVA NETO, R. **A indústria do vestuário: economia, estética e tecnologia.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1993.

Jornal Indústria e Comércio, edição de 05/04/1996.

Jornal O Município, edição de 22/07/1994.

Jornal O Município, edição de 02/08/1996.

MAMIGONIAN, A. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. In: **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro, IBGE. v. 27, n. 3, p. 389-481, Jul/Set., 1965.

MELLO, I. J. **As formas singulares da reestruturação produtiva na indústria têxtil catarinense.** Relatório Final de Atividades, DIEESE, 2000.

Plano Diretor de Brusque – Diagnóstico, Dezembro de 1997.

PIMENTA, M. de C. A. **Competitividade internacional, flexibilidade produtiva e integração social no sul do Brasil.** IV Colóquio Internacional de Geocrítica - El Trabajo. Barcelona, maio de 2002.

PINHEIRO, S. S. **Relações de produção e de trabalho: uma análise geográfica da indústria do vestuário, calçados e artefatos de tecidos em Rio Claro – SP, e suas vinculações espaciais.** 1993. 191 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 1993.

SANTOS, M. J. Processos de globalização versus movimentos de concentração e reestruturação produtiva. In.: PEREIRA, Antonio Garcia. et al. **Globalizações: novos rumos no mundo do trabalho.** Florianópolis: UFSC, 2001. p. 17-41

TAVARES, M. C. **Destruição não criadora: memórias de um mandato popular contra a recessão, o desemprego e a globalização subordinada.** Rio de Janeiro: Record, 1999.